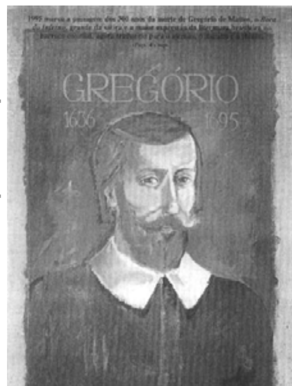
A Poesia de Gregório de Matos 1

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA



Gregório de Matos Guerra é uma das figuras mais importantes que já existiu neste País e de longe o mais importante escritor do barroco brasileiro. Nascido em Salvador em 1623 (ou 33), teve educação religiosa jesuítica. Filho de família abastada, foi para Portugal, onde estudou Direito. Casou-se com Maria dos Povos mas se rebelou para viver assim uma vida intensamente mundana, com profundas recaídas espirituais.

Foi poeta popular, repentista, daqueles de viola em punho. Era também um poeta bastante irreverente, que possuía comportamentos indecorosos, que agrediam a falsa moral da sociedade de sua época; gostava de fugir ao padrão da poesia barroca européia, colocando nos poemas uma linguagem freqüentemente obscena.

Seu estilo de vida, que era dos mais desregrados, e seu espírito crítico implacável lhe renderam a antipatia de muitos dos seus conterrâneos e o apelido de "Boca do Inferno". Chegou a ser preso e exilado, devido aos seus desagravos ao governador, na época, Antônio Luis da Câmara Coutinho. Não se sabia o que fazer com ele, um boêmio que a todos atacava, ridicularizava, especialmente os representantes do poder e da Igreja. Morreu em Recife em 1695 (ou 96).

A OBRA

A obra poética de Gregório de Matos é bem ampla e diversificada, de inspiração variada. Convencionou-se classificar a poesia do Boca do Inferno em duas principais vertentes: a poesia lírica, a poesia satírica.

A POESIA LÍRICA

Dentro da poesia lírica de Gregório, há basicamente a temática de cunho amoroso e a de cunho religioso.

Na **POESIA LÍRICO-AMOROSA** de Gregório, a dualidade barroca evidencia-se em dois planos: na idéia de amor, que tanto pode ser uma fonte de prazer e elevação, como de dor e sofrimento; e na concepção da figura feminina, que ora é elevada ao plano do idealismo neoplatônico ora é tida como um agente da perdição espiritual, porque inspira o pecado, a licenciosidade, os pensamentos luxuriosos.

Leiamos o poema lírico abaixo:

Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor, e anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e anjo florente,
Em quem senão em vós, se uniformara.

Quem vira uma tal flor, que não a cortara,
De verde pé, da rama florescente;
E quem um anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus não a idolatrara?

Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio, e a minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela, e por galharda,
Pois que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo que me tenta, e não me guarda.

interpretação:

Há um engenhoso trocadilho já a partir do nome da mulher a quem o poeta se dirige. Angélica pode ser um adjetivo, um substantivo próprio (o nome dela era Ângela, cujo diminutivo era Angélica) e é também o nome de uma flor que inspira sensualidade. Angélica deriva de ângelus (anjo) do latim.

Na primeira estrofe o poeta procura fazer uma síntese entre flor (algo material, terreno e mesmo sensual) e anjo (etéreo, divino, espiritual), que tomariam uma só forma (uniformara). O eu-lírico vê na amada a síntese do que há de belo e puro (positivo), mas também de tentador (negativo). Ou seja, na verdade essa síntese parte da antítese existente entre o plano material (flor) e o espiritual (anjo). Tal antítese acaba se tornando um paradoxo, explícito no final do poema, pois a mulher-anjo em vez de inspirar aspirações espirituais acaba inspirando sentimentos pecaminosos.

A segunda estrofe ilustra o desejo que do poeta: quem, vendo uma flor tão bela, não tem ímpeto de tê-la para si, arrancá-la, desfrutá-la? Quem não idolatraria um anjo tão reluzente, iluminado, em nome de Deus?

No primeiro terceto o eu-lírico já prenuncia o paradoxo que ele explicará no final do poema. Como a sua amada representa a figura de um anjo, a quem ele constantemente adora ("(...) Anjo sois dos meus altares") o natural seria de guardá-lo das tentações, auxiliá-lo, livrá-lo de "diabólicos azares".

A última estrofe começa com uma conjunção adversativa (Mas) continuando o raciocínio da estrofe anterior deixando clara a contradição que há na condição da sua amada: Por ser tão formosa, "galharda"(elegante), ela acaba sendo fonte de tentação para o eu-lírico. A beleza dela o arrasta para o precipício, por inspirar sentimentos pecaminosos, impuros.

Atente para mais um exemplar poema lírico de Gregório:

Ardor em coração firme nascido!
Pranto por belos olhos derramado!
Incêndio em mares de água disfarçado!
Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que um peito abrasas escondido,
Tu, que em um rosto corres desatado,
Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente?
Se és neve como queimas com porfia?
Mas ai! Que andou Amor em ti prudente.

Pois para temperar a tirania,
Como quis, que aqui fosse a neve ardente
Permitiu parecesse a chama fria.

interpretação:
Neste poema está mais evidente a presença da contradição do sentimento amoroso para os poetas barrocos. O eu-lírico aqui contrapõe principalmente dois elementos extremamente contraditórios por sua própria natureza, o fogo e o gelo, para falar do que sente pelo ser amado.

Na primeira estrofe há a contraposição do ardor (fogo, paixão, impetuosidade, força) e pranto (derramamento, fragilidade, tristeza). Estes dois estados, conforme vimos nos dois últimos versos dessa estrofe, não são separados, mas um é camuflado (disfarçado) pelo outro, ambos convivem no peito do amante. A paixão, a impetuosidade confunde-se com a tristeza, o pranto.
"Incêndio em mares de água disfarçado" – onde há a aparência de sofrimento profundo, esconde-se uma paixão impetuosa, indomável.

"Rio de neve em fogo convertido": a frieza, a distância, o orgulho converte-se em luxúria, ou amor. Na estrofe seguinte há uma continuidade das comparações e contradições da estrofe anterior, mas com o eu-lírico dirigindo-se diretamente ao amor, que transtorna e deixa confusos os amantes. O cristal representa o que há de frio (apesar de belo), duro, e estático, enquanto o fogo representa o dinamismo, a vida,

a emoção devastadora. Nas perguntas do primeiro terceto há paradoxos interessantes: como pode o amor ser fogo, se é brando, calmo, paciente? Mas também, se é neve (calmo, volúvel, frio), por que ele queima sem piedade?

O amor, por fim, não foi tão cruel com o amante. Conseguiu que este fosse prudente e disfarçasse sua impetuosidade, sua luxúria.
Neste poema nota-se claramente a influência do Maneirismo na poesia barroca.

A **POESIA LÍRICO-FILOSÓFICA** procura investigar as contradições que cercam a natureza e a contradição humanas. O olhar do poeta é marcado pelo pessimismo, pela perplexidade e pela angústia diante da transitoriedade da vida. Como Camões, Gregório de Matos cultivou temas do desconcerto do mundo e da instabilidade dos bens materiais.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constancia,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Quanto à **POESIA LÍRICO-RELIGIOSA**, nesse tipo de poema Gregório mostra-se dividido entre o pecado e a virtude, entre a culpa pelo pecado e a esperança de salvação. Mas nem sempre há submissão a Deus: freqüentemente o eu-lírico olha com algum orgulho para Deus, e mesmo com certa prepotência, como se Ele tivesse a obrigação de perdoar os homens por os ter feito pecadores
Leia o poema abaixo:

A Jesus crucificado, estando o poeta para morrer.

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
Em cuja lei protesto hei de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme, inteiro:

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É,meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delito;
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que, por mais que pequei, neste conflito,
Espero de vosso amor de me salvar.

interpretação:
Este poema de Gregório é marcado principalmente pelo tom de total humildade em relação a Deus.

Marca também um momento de rrependimento do eu poemático em vista de seus pecados.

É interessante notar, especialmente no primeiro terceto, em certo exagero do poeta ao falar de seus pecados (muito grandes) e da misericórdia de Deus (também imensa).

Este é um típico poema barroco que retrata a alma torturada de um homem por causa de seus pecados diante de Deus.

A PRODUÇÃO SATÍRICA

Foi com a produção satírica que Gregório de Matos Guerra pôde retratar com implacável mordacidade a sociedade brasileira em geral e mais especificamente a baiana. Nada fugia ao senso crítico do Boca do Inferno. Governantes, clero, gente do povo, mulatos, e mesmo mulheres eram caçoados sem pena pela pena do irreverente poeta baiano.

É nesse tipo de poesia também que Gregório rompe com os padrões da linguagem da época, e é onde se podem perceber melhor a criatividade e originalidade poética do poeta. O uso freqüente de palavrões ou de expressões populares, "não literárias" e de "mau gosto", assim como construções poéticas não convencionais denunciam uma poesia muito à frente de seu tempo, mas é ao mesmo tempo através desses poemas que se pode ter uma visão mais ou menos fiel da sociedade colonial da época.

Leiamos o poema abaixo:

Pondo os olhos primeiramente na sua cidade conhece, que os mercadores são o primeiro móvel da ruína, em que arde pelas mercadorias inúteis, e enganosas.

Triste Bahia! O quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote.

interpretação:
Máquina mercante: navio
Brichote: designação depreciativa de estrangeiro
O tom de sátira neste poema já é observável pela paródia (referência cômica) ao famoso poema de Francisco Rodrigues Lobo, "Fermoso Tejo meu..." o qual, inclusive, já foi transcrito e comentado por nós no tópico sobre esse autor português. No entanto, enquanto o poema português conserva um tom solene, filosófico, profundamente lírico, no poema de Gregório esse conteúdo filosófico/amoroso dá lugar à crítica, à sátira, à ironia e a um leve humor.

O eu-lírico olha pra Bahia e fica desolado ao se dar conta das transformações sofridas por ele e, principalmente, pelo Estado. Nos dois últimos versos da primeira estrofe, não há uma reflexão sobre o estado psicológico ou amoroso ou físico sobre os estados do eu-lírico e da Bahia e sim a queixa é de caráter marcadamente econômico.Note os adjetivos substantivados pobre/rico/abundante.

Na segunda estrofe prevalece o aspecto puramente mercantilista para caracterizar a situação em que o homem e sua terra natal estão: ambos se vendem ou fazem negociações financeiro-mercantilistas.

A partir do primeiro terceto, o poeta se volta exclusivamente ao Estado da Bahia: este último tem feito negociações desvantajosas, trocando, com os estrangeiros, suas riquezas naturais por "drogas inúteis" (mercadorias de pouco valor). Nestes versos é onde está bastante evidente o tom de crítica do poema.

No final, o eu-lírico, invocando a Deus, espera que sua Bahia se torne mais prudente, mais orgulhosa ("sisuda"), e portanto seja mais rica e próspera. Ao se voltar, no poema, mais à situação do lugar (Bahia) nas duas últimas estrofes, o poeta deixa mais claro o seu discurso crítico frente a alguma coisa ou estado exterior a ele.

Note que é nos quartetos que estão as maiores semelhanças entre o poema de Gregório e o de F. R. Lobo, especialmente no plano da construção poética, com uma simetria de versos engenhosa, com a contraposição entre passado/presente, e "eu"/"tu". É o leve traço maneirista contido no poema.